

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**ALEXANDER KLUGE: POR UM CINEMA IMPURO**  
**29 de julho de 2021**

**IN STURM DER ZEIT**  
*(“Na Tempestade do Tempo”)*

**STURM ÜBER ÄGYPTEN**  
*(“Tempestade no Egípto”)*

**ICH RIECHE DEN STURM**  
*(“Sinto a Tempestade”)*

**WILDE NACHT MIT MOND**  
*(“Noite Selvagem, com Lua”)*

**FROHE OSTERN**  
*(“Feliz Páscoa”)*

**NIETZSCHES FRÖHLICHE WISSENSCHAFT**  
*(“A Gaia Ciência de Nietzsche”)*

*Programa de Alexander Kluge*

Alemanha, 2007, 2013, 2013, 2013, 2013, 2013 / *Cópia: da DCTP, em DCP, legendados eletronicamente em português / Inéditos comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

*Duração total da projeção: 76 minutos.*

\*\*\*

*A arte não tem que ver com fazer as coisas mais belas ou não é uma forma mais elevada de expressão ou a distinção entre o gosto vulgar e o gosto mais elevado. A arte é o elo entre épocas, por assim dizer. É a Arca de Noé que desliza invisível através da história. E essa é a arte para a qual trabalhamos.*

Alexander Kluge, in **Mehrfachbilder für 5 Projektoren** (2007)

No filme **Wilde Nacht mit Mond**, a evocação de Walter Benjamin e do seu “Anjo da História”, imagem-conceito que o filósofo alemão foi “roubar” a Paul Klee, ajuda-nos a perceber o gesto do próprio Alexander Kluge em face da tempestade da História: alguém que procura reunir sedimentos contra ventos que não domina, na realidade, contra ventos que o dominam, melhor ainda, contra a locomotiva que o atropela, ameaçando extinguir o amor. O amor por quem, pelo quê? Pela humanidade e o seu projeto em curso. Kluge aceita a escala ou dimensão impossíveis deste seu projeto quase iluminista, que consiste em compilar inúmeros sedimentos áudio/visuais numa grande enciclopédia histórica/filosófica produzida inicialmente para televisão, mas cujo destino tem sido variável, incluindo o museu e, como tem acontecido nesta retrospectiva, a sala

de cinema. Fábrica de memórias e fantasias ou “Mnemosyne” pós-warburguiana, Kluge atira os sedimentos que conseguiu reunir para o seu picador áudio/visual, que tritura e transforma tudo numa sopa de aparência esquisita ainda que de sabor requintado. Aviso: o cinema de Kluge é um *acquired taste*, um universo que requer algum trabalho até entrarmos nele, até, enfim, acedermos em profundidade à sua linguagem excêntrica, à sua paixão erudita pelo bizarro, pelo gosto vulgar e por soluções plásticas gritante e deliciosamente anacrônicas.

A ferramenta principal é uma tecnologia vídeo pouco atualizada, que permite a Kluge trabalhar depressa e de maneira livre, ora respondendo editorialmente a factos da atualidade (nesta série, esta está pouco representada, mas Kluge também assinou peças importantes sobre acontecimentos do momento, por exemplo sobre a América de Bush e o 11 de Setembro), ora desprendendo-se violentamente dos grilhões do *agenda-setting* noticioso e aprofundando assuntos intemporais, que facilmente atribuímos ao seu gosto pessoal, como a ópera, a filosofia ou a astronomia.

De uma maneira ou de outra, Kluge revela um apetite especial por uma certa maneira de contar histórias, respondendo a um antigo lamento que lêramos outrossim em Benjamin (in *Linguagem | Tradução | Literatura (filosofia, teoria e crítica)*, Assirio & Alvim, 2015): “É cada vez mais raro encontrarmos pessoas capazes de contar uma história como deve ser.” Este interesse pela narrativa é evidenciado, por exemplo, no facto de muitas vezes Kluge prescindir das imagens e concentrar-se na palavra escrita, apresentando *letterings* muito variáveis, pós-expressionistas, pós-godardianos, que também assinalam a dimensão lúdica, até certo ponto *kitsch* (à maneira do velho programa Microsoft Paint), da sua arte. Outro dispositivo recorrente no seu trabalho para televisão, que realiza há décadas para a produtora que fundou, DCTP, é a entrevista, misturando sem pruridos o falso com o verdadeiro (“In Sturm der Zeit’/Facts & Fakes” é o título deste nosso grupo de filmes), deixando o espectador incauto na dúvida sobre a natureza do que vê e ouve.

O ator predileto de Kluge aparece num dos filmes desta sessão, **Ich rieche den Sturm**: o fabuloso Peter Berling interpreta um capitão holandês que comercializa escravos e túlipas, oportunidade que Kluge não deixa escapar para interrogar o seu entrevistado sobre se os escravos têm alma e para comparar o valor especulativo das plantas com o da mercadoria humana. Naturalmente, aqui a confusão ou a dúvida durará pouco, já que este encontro só poderia ter sido imaginado, recriado como uma grande *blague* eivada de uma cumplicidade exclusiva das velhas amizades, fazendo-se mais uma vez passar por muito fiáveis entrevistador e entrevistado. Noutros “programas”, a dúvida é maior, dada a forma como Berling ou os outros atores da trupe de Kluge representam as suas personagens (neste ponto, ocorre-me a entrevista de cerca de quarenta minutos, **Das Weichziel ist der Mensch** [2008], ao tenente-coronel Sanftleten, desta feita, muito convincentemente incarnado pelo camaleónico ator de cabaret Georg Schramm). No entanto, nem tudo é “fake” nas conversas que Kluge grava há mais de trinta anos: nomes maiores da ciência, da filosofia, das artes e letras já passaram pelo seu programa, sendo-lhes dado tempo de antena para atualizarem o conhecimento humano sobre as mais variadas matérias, notando-se, curiosamente, pouca preferência pelos assuntos do cinema, sobretudo se compararmos com outros temas mais recorrentes, tais como a ópera, a filosofia, a economia e a história.

Jean-Luc Godard é uma referência evidente no *gestus* formal de Kluge: **À bout de souffle** [1960] é o seu filme favorito e o próprio Godard já foi “alvo” de uma das suas entrevistas, **Blinde Liebe – Gespräch mit Jean-Luc Godard** (2001). Neste grupo de curtas, talvez aquela que se afigure mais godardiana seja **Frohe Ostern**, por se tratar de uma versão cheia de

anedotário televisivo – de “telejornal” sensacionalista – do filme **Week End** (1967), retrato de uma classe trabalhadora exausta que não consegue encontrar sossego na ruidosa, demasiado congestionada e *voyeurista* sociedade moderna. A esta coleção de *fait divers*, acerca de situações mais ou menos trágicas que afligem quem precisa de espairecer, parar um pouco e “viver a vida”, Kluge responde com a inclusão, logo a seguir, de uma interpretação *kinky* de *A Gaia Ciência* de Friedrich Nietzsche (por sinal, texto já “adaptado” ao cinema por Godard, em **Le gai savoir** 1969]). O filósofo dionisiaco surge retratado em **Nietzsches Fröhliche Wissenschaft** como um escravo sexual da sua amada Lou Andreas-Salomé. O amor pela jovem russa foi “partilhado” com o melhor amigo Paul Rée, numa história de *amour fou* que Kluge relaciona com o conteúdo daquele clássico da filosofia, sendo que a dado momento podemos ler em letras gritantes: “Não aguentas mais o teu destino imperioso? Ama-o, não tens escolha!” Parece ser esta a melhor resposta possível à série de tristes acontecimentos que aflige a classe trabalhadora no filme anterior; como se Kluge dissesse, via Nietzsche, o seguinte: “Por acaso sentem-se cansados, caros trabalhadores? Pois então sirvam-se à vontade do bom vinho niilista pós-nietzscheano e dancem, dancem muito sempre que possam!”

A lua – tema de uma interessante conversa noutro “programa” de Kluge, uma entrevista “de verdade” ao tradutor de Deleuze, Joseph Vogl (**Der Mond ist aufgegangen** [2005]) – é só uma e também aqui, nas trincheiras de **Wilde Nachth mit Mond**, a sua luz redentora incide nos dois lados da barricada, sem diferenciar ou emitir juízos de valor. **Wilde Nacht mit Mond** é muito justamente dedicado a Joris Ivens, estando nele presente, numa montagem em vídeo composta por imagens de múltiplas e babilônicas proveniências, o som e ação do vento (tema predileto na obra do documentarista nascido nos Países Baixos, mas que abraçou o mundo inteiro, nas suas várias barricadas, como pátria una) enquanto analogia da força implacável da História, contra a qual a face mais humana da espécie resiste, reencontrando-se no valor da fraternidade. A sequência que Kluge resgata de **The Big Parade** (1925) de King Vidor – soldados de diferentes facções solidarizando-se antes da morte de um deles – é exemplar dessa vontade de negar o que há de mais trágico e doloroso na história que a História nos vem contando.

Em **In Sturm der Zeit**, o restauro do Reichstag é acompanhado de perto, *frame a frame*, num *time lapse* que lembra Jonas Mekas (já agora: Kluge usou a mesma técnica para filmar a evolução dos trabalhos no *Ground Zero*, depois dos ataques às Torres Gémeas), sendo que, por seu lado, a insistência na imagem da obra arquitetónica como fortaleza sagrada lembra não só Mekas como também Andy Warhol. Uma nota à parte: é verdade que penso em **Empire** [1964] quando vejo **In Sturm der Zeit**, mas quando assisto a **Sturm über Ägypten** e ao seu divertido jogo de janelas múltiplas simultâneas vêm-me à memória, além do filme-dispositivo citado em epígrafe, a colagem fotográfica *The Phenomenon of Ecstasy* (1933) de Salvador Dalí e **We Can't Go Home Again** (1973), o *experimental movie* do *Hollywood director* Nicholas Ray. Enfim, a sessão no seu todo, tal como está “montada”, ganha novos sentidos – irradia de outra forma – quando olhamos para trás, para o início – apetece dizer antes, em termos cosmológicos, para “a origem”, o momento “big bang” deste programa de curtas: **In Sturm der Zeit** conta a história do edifício que, quando mandado ao chão, em cinzas, fez-se símbolo máximo da imparável ascensão do Partido Nacional-Socialista ao poder. O resto é história... O diário dessa aparentemente inofensiva obra de restauro serve de sobreaviso, para que – talvez uma das mais secretas lições da “TV Kluge” – a senhora História não venha com aquela partida que já tem longas, longuíssimas barbas, isto é, *se repita*.

Luís Mendonça